

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E FORMAÇÃO HUMANA

VINICIUS REBELO DE ALMEIDA

**DIPLOMA E FETICHISMO SOB A PERSPECTIVA DA FILOSOFIA DE GUY
DEBORD: MARCAS NA CULTURA EDUCACIONAL BRASILEIRA**

SÃO PAULO
2023

Rebelo, Vinicius

Diploma e fetichismo sob a perspectiva da filosofia de Guy Debord. / Vinicius Rebelo de Almeida. 2023.

50 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2023.

Orientador (a): Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino.

1. Guy Debord. 2. Fetichismo da mercadoria. 3. Sociedade do espetáculo. 4. Diploma.

I. Severino, Antonio Joaquim.

II. Título.

CDU

37

VINICIUS REBELO DE ALMEIDA

**DIPLOMA E FETICHISMO SOB A PERSPECTIVA DA FILOSOFIA DE GUY
DEBORD: MARCAS NA CULTURA EDUCACIONAL BRASILEIRA.**

Dissertação apresentada à Linha de Pesquisa em Educação, Filosofia e Formação Humana do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, como requisito para a obtenção do grau de mestre em educação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Joaquim Severino

SÃO PAULO
2023

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientador

Titular interno

Titular externo

Suplente interno

Suplente externo

SÃO PAULO
2023

Dedico este trabalho a todos que ainda acreditam que a Filosofia e a Educação podem ser um horizonte para novas possibilidades e perspectivas. Àqueles que buscam a superação dos embustes e ciladas do capitalismo. Por fim, aos que se engajam incansavelmente nas práticas educacionais libertadoras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que apoiaram a produção deste trabalho e a Universidade Nove de Julho que promove este importante programa de pós-graduação em educação que, em tempos como o nosso, torna-se cada vez mais esforçoso sua promoção.

Aos meus amigos e familiares que contribuíram na minha jornada até aqui, incentivando meu engajamento nos estudos e na filosofia.

Aos meus colegas de trabalho, professores, que em nossos diálogos proporcionaram importantes reflexões acerca dos problemas da educação e, então enriqueceram meu repertório cultural e literário.

Ao meu orientador Antônio Joaquim Severino e a todos os docentes da linha de pesquisa em educação, filosofia e formação humana, que direcionaram os percursos deste trabalho.

Por fim, ao meu companheiro e esposo, Bruno, que desde o início apoia o meu trabalho enquanto pesquisador e docente.

A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica.

ADORNO, Theodor

RESUMO

A pesquisa é o resultado da análise dos conceitos de fetichismo da mercadoria e espetáculo na obra de Guy Debord, *A sociedade do espetáculo*, com apoio das categorias do paradigma marxista. A partir das definições, busca argumentos que possam assinalar a atualidade da obra de Debord no século XXI por meio de mirada das relações sociais e do que representa o diploma na educação escolar brasileira, com sua íntima relação entre a alienação e a dominação das classes. Visa compreender de que forma a educação escolar se estrutura sob a ideologia espetacularizada na separação entre o real e a representação, as contradições intrínsecas às relações entre os que detêm e os que não detêm o diploma e como esta separação se coloca na organização social do trabalho e da sociedade.

Palavras-chaves: Guy Debord, fetichismo da mercadoria, sociedade do espetáculo, diploma

ABSTRACT

The research is the analysis result of the concepts of commodity fetishism and spectacle in Guy Debord's work, *The Society of the Spectacle*, with the support of the categories of the Marxist paradigm. Based on the definitions, it seeks arguments that can highlight the relevance of Debord's work in the 21st century by looking at social relations and what the diploma represents in Brazilian school education, with its intimate relationship between alienation and class domination. It aims to understand how school education is structured under the ideology spectacularized in the separation between the real and representation, the contradictions intrinsic to the relationships between those who hold and those who do not hold the diploma and how this separation appears in the social organization of work and society.

Keywords: Guy Debord, fetishism merchandise, spectacle society, diploma

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: ANÁLISE DOS CONCEITOS.....	17
2.1. O QUE É A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO.....	17
2.2. ESPETÁCULO E FETICHISMO NA PERSPECTIVA DE GUY DEBORD..	24
2.3. A ATUALIDADE DA OBRA <i>A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO</i>	27
3. O FETICHISMO DO DIPLOMA.....	32
4. DIPLOMA E IDEOLOGIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA....	37
4.1. CONCEITO GERAL DE IDEOLOGIA NA TRADIÇÃO MARXISTA.....	39
4.2. A DOCTRINA DA MERITOCRACIA.....	43
5. PARTINDO PARA AS CONCLUSÕES.....	46
6. REFERÊNCIAS.....	50
6.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
6.2. REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS.....	50

1. INTRODUÇÃO

Nasci em Santo André, cidade do estado de São Paulo, pertencente a região metropolitana, na última década do século XX. Por lá concluí minha educação básica que me proporcionou uma fundamental experiência no meu auto-reconhecimento como sujeito inserido na luta de classes.

Iniciei meus estudos no ensino superior em 2013 na Universidade São Judas Tadeu no curso de Comunicação Social. Em 2014, migrei para o curso de Filosofia que viria concluir em 2018 na mesma instituição. No curso de Filosofia, desenvolvi duas pesquisas no Programa Voluntário de Iniciação Científica. A primeira pesquisa versava sobre a obra de Guy Ernest Debord (1931-1994), *A sociedade do espetáculo*, com o título “A sociedade do espetáculo e as redes sociais”, que visava entender o surgimento de uma nova forma de representação cuja interlocução se dava entre sujeitos virtuais. Ainda tomado pela preocupação das ondas neofascistas que assolaram o Brasil, com veemência coloquei-me a pesquisar a questão da democracia sob o prisma da Filosofia Crítica e do pensamento de Hannah Arendt com o título “Das origens da democracia grega à democracia moderna brasileira”.

Ambas pesquisas tiveram a orientação da doutora Cristina de Souza Agostini que, pacientemente, guiou os meus primeiros passos na carreira acadêmica e da pesquisa. Neste mesmo tempo, fui integrante do grupo de pesquisa Filosofia no Ensino Médio, igualmente dirigido por ela.

Durante a graduação participei de muitos encontros e conferências na área de filosofia, entre os quais destaco: Encontro Nacional de Pesquisa em Filosofia da USP e Encontro de Pesquisa em Filosofia da UFABC.

Ingressei no mestrado acadêmico em Educação na Universidade Nove de Julho sob orientação do Professor Doutor Antonio Joaquim Severino, ainda motivado pela questão política e suas relações na educação, razão pela qual o início da pesquisa deu-se pela abordagem dos pensamentos de Theodor Adorno e Max Horkheimer, subsidiada por teorias que se propõem verdadeiramente críticas.

Estimulados pelas reflexões e pelo aprofundamento na revisão de literatura, concluímos que a pesquisa deveria seguir novos percursos. Neste sentido, decidimos que a pesquisa tomaria rumos diferentes dos que me trouxeram até a

pós-graduação. Enveredamos a nossa pesquisa para o então conhecido filósofo que pesquisei na graduação, Guy Debord, buscando explicitar suas eventuais contribuições para a análise da educação brasileira, sob o olhar de sua teoria. Para tanto, ampliamos a revisão de literatura para que essa contribuição fosse de efetiva relevância na construção da pesquisa.

No primeiro semestre dessa densa caminhada na pós-graduação, conclui duas importantes disciplinas, a saber, o Módulo Internacional, que na ocasião celebrava o centenário de nascimento de um dos maiores filósofos e educadores brasileiros, Paulo Freire, e Educação, Filosofia e Formação Humana, cujas aulas foram ministradas pelos três docentes que compõem a Linha de Pesquisa.

No segundo semestre, cursei *Subjetividade e Educação*, ministrada pela Professora Elaine Dias, em cujas aulas investigamos as importantes questões que circundam o sujeito e sua relação como mundo. Também cursei, com o então diretor do PPGE, Prof. José Eustáquio Romão, a disciplina *Culturas e Políticas Educacionais* que versava sobre episódios da história da educação e sua atualidade.

No terceiro semestre, meus estudos com o Prof. Manuel Tavares que ministrava as aulas de *Educação e Teorias contra-hegemônicas*, ponderando assuntos a partir da colonialidade, decolonialidade, materialismo histórico e as teorias latino-americanas. Nesse mesmo semestre cursei *English in Education* disciplina que, além de seu conteúdo temático de cunho educacional, conferia também a proficiência em inglês.

Durante o curso, em todos os semestres, frequentei o Seminários de Pesquisa na Linha de Pesquisa em Educação, Filosofia e Formação Humana. Nesses seminários, desenvolvemos várias atividades relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa como apresentações de temas, filmes, trabalhos, recebemos docentes e pesquisadores de outras universidades, bem como alunos egressos do próprio programa.

Destaco também que participei de outros eventos externos da UNINOVE, cito alguns: “III Encontro de pós-graduação em Filosofia – UNIFESP”, “I Simpósio Educação e Epistemologia” e “V Colóquio – As séries de TV e de Streaming: diálogos com Literatura, Filosofia e Educação”.

As sugestões apresentadas no Exame de Qualificação levaram à decisão de fazermos uma maior delimitação do objeto, concentrando a investigação à temática do lugar do diploma na educação brasileira, à luz das categorias teóricas de Guy Debord. É sob este novo recorte que se configurou a nova versão do projeto desenvolvido.

Com efeito, entendemos que a educação é o espaço fundamental e dialético para formação do sujeito. Fundamental pois pressupõe-se que é neste lugar que promovemos a linguagem e a produção de conhecimento do sujeito. Dialético, no sentido que é por meio das contradições que emergem dos sujeitos que podemos criar sínteses acerca da realidade e da vida social. Esta complexa condição da educação no seio da vida social, demanda uma abordagem que envolve o pensamento com a economia e a política, o que se buscou fazer sob a inspiração do pensamento debordiano, particularmente daquele expresso em sua obra paradigmática, *A sociedade do espetáculo*.

Antes de mais nada, a discussão para que serve a educação remonta desde os tempos mais antigos das sociedades em que os artefatos nos contavam que o ser humano pôde sobreviver aos perigos e intempéries da natureza porque pôde transmitir seu conhecimento para novas gerações. É razoável dizer que “a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo” (ARENDDT, 1997. p. 222), uma vez que foi na luta pela sobrevivência que colocou a necessidade de ensinar as póstumias gerações o que deveria ser feito para perpetuar a existência da espécie frente as demandas naturais e humanas.

Ainda nas organizações das sociedades antigas, como a Grécia e Roma, percebemos que a educação corroborava sua existência na divisão social, ou seja, do trabalho. Os cidadãos gregos e romanos, em geral, compunham uma classe privilegiada que deteriam o conhecimento e a produção de conhecimento, enquanto os escravos e plebeus estariam sujeitos a educação para servir as classes aristocráticas. A história medieval retoma os processos de formação de escolas e lugares destinados ao ensino e à educação, preocupando-se com a necessidade de formular currículos de aprendizagem, pois, despendiam tais necessidades no momento que a sociedade se organizava em feudos e o crescimento populacional associado às técnicas e ao trabalho demonstravam que a educação fora de suma

importância no processo de sobrevivência da espécie, bem como na divisão do trabalho.

O que se pode notar do desenvolvimento histórico da educação é que, em geral, sua consolidação esteve sempre relacionada ao provimento e formulação do modo de vida de cada civilização. Por exemplo, a diferença cultural que constitui o mundo oriental está hipoteticamente relacionada às condições materiais existentes e sua devida constituição no modo de vida, logo, a educação, em seu conceito universalizado, é o que se constituiu para que todos esses povos e civilizações pudessem perpetuar sua existência.¹

O sistema educacional que dominou o mundo ocidental foi construído e fundado na luta de classes, entre aqueles que produzem meios de sobrevivência e aqueles que detêm a propriedade e os meios de produção. No Brasil, constitui-se uma complexidade mais intrigante, uma vez que, diferente dos países europeus, a consolidação de uma identidade cultural veio tardiamente devido sua trama histórica em que o período colonial nas Américas determinou diferentes modos de produção e, por conseguinte, diferentes modos de vida.

O capitalismo tardio que as terras ameríndias viveram mostrou-nos a ferocidade de seu sistema de dominação no qual os valores insurgentes parecem apagar o enredo de sua construção histórica calcado na exploração escravista de indígenas e africanos. O capitalismo, em seu próprio desenvolvimento, necessita da totalidade geográfica (espaço) e histórica (tempo) para o seu funcionamento normal e assim se estabelecer ideologicamente em todos os continentes na forma da violência econômica, política e social.

Visto isso, poderemos perceber que a atualidade da educação no Brasil é herdeira desses pressupostos, de tal modo que uma análise crítica deverá sublinhar os principais aspectos do projeto educacional alienante corroborado pelo capitalismo, para o que a filosofia de Guy Ernest Debord fornecerá subsídios para esta abordagem da educação brasileira.

¹ Alguns termos que estão sendo utilizados nesta introdução serão esclarecidos no desenvolvimento da dissertação, tais como, “condições materiais”, “modo de vida” e “luta de classes”.

Segundo Debord, nesta fase em que se encontra o capitalismo, a mercadoria acumulou-se em tal grau que se tornou imagem e o espetáculo tornou-se a forma de representação da sociedade capitalista na qual “tudo que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p.13) e que “a verdade é o momento do falso” (DEBORD, 1997, p. 16).

Pensar a educação nestes termos é pensar a educação espetacularizada. Para isto, analisamos um traço da educação brasileira a que chamaremos de fetichismo do diploma e sua influência ideológica nas vivências educacionais.

Para realizar este percurso, no capítulo um, a fim de esclarecer as terminologias e conceitos que Debord utiliza em sua obra, fizemos uma análise dos conceitos de *espetáculo* e *fetichismo* dentro do movimento do pensamento do autor. Para entender Debord, é necessário conceber sua relação com Karl Marx e pensadores vinculados ao paradigma marxista. É inegável a influência marxista na construção da teoria debordiana que enseja uma releitura do capitalismo à luz de uma perspectiva artística.

Ainda no primeiro capítulo, defendemos a atualidade da obra de Debord no mundo contemporâneo em que o avanço das tecnologias e das forças produtivas são ilustrativos para demonstração do conceito debordiano de espetáculo. O surgimento da internet e das redes sociais e a mercantilização das informações combinados culminam as noções que Debord já havia enunciado na década 60. Para o enriquecimento deste item, o importante diálogo com a autora Shoshana Zuboff, em sua obra *A era do capitalismo de vigilância*, contribui para a defesa de nossa argumentação.

No segundo capítulo, desenvolvemos a nossa premissa principal, o fetichismo do diploma. Amparados nas referências do capítulo primeiro, pensamos as relações que o diploma e os sujeitos da educação tomam no contexto escolar e quais problemas dependem desse conceito. A problemática já abordada pela pensadora brasileira Marilena Chauí foi retomada na perspectiva de Debord para entendermos como a pensamos e dessa forma engendrar uma crítica do cenário tomado.

No terceiro capítulo, estabelecemos o fio condutor que depende nas questões ideológicas entre o diploma e a educação escolar. Sendo necessária uma retomada conceitual para se pensar a ideologia na educação escolar, dividimos em

três itens: o primeiro para esclarecer o que se entende por ideologia e a tradição marxista do termo que chega a Debord; no segundo item, traçamos um breve histórico sobre o que nomeamos de doutrina da meritocracia e sua releitura no neoliberalismo contemporâneo e, no terceiro item, sistematizamos as conclusões que puderam ser tomadas a partir dos elementos avançados.

A pesquisa possui caráter qualitativo, pois, busca sua fundamentação nas bases filosóficas, históricas e epistêmicas de um determinado objeto, a saber, a relação fetichista e ideológica entre diploma e a educação escolar. Outrossim, é uma pesquisa bibliográfica em que todas as fontes utilizadas conferem a obras filosóficas, artigos da comunidade científica e recortes históricos e epistêmicos traçando uma leitura interpretativa e sistemática dos textos abordados. (SEVERINO, 2007, p.118)

Os referenciais teóricos são tomados do materialismo histórico na perspectiva das determinações materiais, ou seja, o ponto de partida das análises realizadas está fundamentado na relação material que o homem constitui com o mundo. Os autores que serão apresentados no texto para a defesa dessa perspectiva foram, além de Guy Debord, Karl Marx e, mais marginalmente, Louis Althusser e Antonio Gramsci. Algumas dificuldades se apresentam em relação a Debord devido sua produção intelectual ser pouco conhecida e a escassa disponibilidade de traduções em língua portuguesa.

Acreditamos na contribuição dessa pesquisa para o enriquecimento da crítica e literatura acadêmica nas análises e intervenções teóricas realizadas na formação educacional e filosófica dos sujeitos. A questão da conscientização é um tema que justifica o investimento feito, uma vez que a educação ainda é uma das últimas barricadas que podem contribuir para a mudança do porvir do mundo existente. Por fim, entendemos que é papel fundamental da filosofia refletir sobre o mundo e fomentar intervenções que possam transformá-lo.

2. A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO: ANÁLISE DOS CONCEITOS

2.1. O QUE É A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Há muito a sociologia e as ciências sociais nos ensinaram de forma científica que a sociedade sofre muitas transformações, e que a cada época se instauram marcas e sistemas complexos na economia, na política e na moral que delimitarão o laço que dá lugar a uma nova época. Não à toa, que estas ciências que estudam a sociedade surgem no espanto de um novo mundo, donde as mais altas explicações que a teologia e outros conhecimentos já não podiam conceber com clareza e metodologia, os fenômenos da industrialização e do surgimento das massas nas cidades.

A sociologia pôde analisar a aurora de uma época na qual a sociedade tem a política assentada na economia, que por conseguinte, adotou uma moral pragmaticamente burguesa. As ciências sociais comprometeram-se, e com muito êxito, com a análise técnica de uma determinada época. Não obstante, devemos à filosofia o ato de questionar o que compõe o pensamento e os conhecimentos de uma determinada época, ou seja, a busca pelo entendimento das causas e o que está inerente a este novo projeto de mundo que culmina, o capitalismo.

Distante dos parâmetros segundo os quais a sociologia e as ciências sociais entendem seu objeto, a sociedade capitalista, Guy Ernest Debord² compromete-se com a tarefa filosófica de encontrar o espírito, ou ideologia, que se manifesta em nossa época na qual a industrialização, as mídias sociais e o encontro com um sistema financeiro avizinham mudanças nas condições materiais cadenciadas pelas revoluções tecnológicas.

O crítico dá a sociedade capitalista do século XX um juízo qualitativo, é uma sociedade espetaculista, ou seja, como propõe o próprio título de sua obra, uma sociedade do espetáculo:

² Guy Ernest Debord foi um filósofo, crítico e cinegrafista que viveu no século XX. Nascido na França, viveu em um período de grande florescimento da filosofia da teoria crítica e marxiana. A obra mais conhecida do filósofo, *A sociedade do espetáculo* (1967), será o referencial teórico para sustentar essa dissertação.

A sociedade que se baseia na indústria moderna não é fortuitamente ou superficialmente espetacular, ela é fundamentalmente espetaculoísta. No espetáculo da imagem da economia reinante, o fim não é nada, o desenrolar é tudo. O espetáculo não quer chegar a nada que não seja ele mesmo. (SdE³, §14)

O uso corrente do termo a sociedade do espetáculo leva-nos a acreditar que Debord está tratando de uma sociedade midiaticizada e que é apenas um recorte e uma crítica das mídias sociais, como televisão, rádios, jornais e, agora, a internet. A crítica lançada por Debord pretende fazer uma leitura atualizada da sociedade capitalista que em constantes transformações e avanços técnicos busca a máxima reprodução da mercadoria e o fomento do consumo.

A sociedade capitalista primitiva, surgida há um pouco mais que cinco séculos, sofreu transformações que a difere da sociedade capitalista que concebemos atualmente. Dentre as transformações que ocorreram, chamam a atenção os avanços tecnológicos que na aparência afiguram ser modos de produção distintos, contudo, almejam o mesmo fim: a exploração para a acumulação de capital e mercadoria.

A acumulação de mercadorias que vigorou nos séculos passados, tendeu a profundas crises na ordem econômica mundial, não apenas no que tange à ordem de classe social, designada pela tomada de poder da burguesia e a queda e dissolução da realeza, mas no que toca uma determinação material do sistema capitalista como dissemos acima. A especialização das técnicas definiu um percurso seguro para os meios de produção vigentes, afirmando os ideais de que no poder de consumo, no trabalho assalariado – a falsa proclamação do fim da exploração do homem por meio da máquina – e na readequação do tempo.

O espetáculo é uma *Weltanschauung* (Ideologia) (SdE, §5) que não apenas regulou a importante tarefa da hegemonia econômica mundial, ou deve ser compreendido como um conjunto de ideias de classe que formula a superestrutura da sociedade, mas, a materialização dessas ideias a fim de expurgar qualquer possibilidade de mudança de ordem social:

³ Usaremos a sigla SdE para abreviar o título da obra *A sociedade do espetáculo* de Guy Debord na tradução da Editora Contraponto de 1997, bem como, as indicações da citação serão substituídas pelo número da tese correspondente.

Considerando em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha. Forma e conteúdo do espetáculo são, de modo idêntico, a justificativa total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo também é a presença permanente dessa justificativa, como ocupação da maior parte do tempo vivido fora da produção moderna. (SdE, §6)

Tratando-se de uma ideologia, o espetáculo possui caráter totalizador, como Anselm Jappe aponta, porque se de um lado o espetáculo é toda sociedade, de outro é igualmente parte da sociedade e, também, o instrumento com o qual esta parte domina a sociedade inteira. (JAPPE, 1999, p.21). A luta de classes outrora na aparente marca da exploração escancarada, agora possui uma nova forma, o espetáculo, na qual o velamento mistificou, aprisionou e colocou em sono a sociedade moderna. (SdE, §21)

Logo, a sociedade capitalista atual procura o espetáculo nas mais diversas esferas da vida; transforma tudo em mercadoria, burocratiza, acumula e explode num intenso espetáculo, e tal transformação é espetacular.

A mercadoria afasta-se do seu caráter primordial, ou seja, um produto das relações sociais do trabalho humano; torna-se imagem: já não é mais apenas coisa, mas é a coisa que se tornou imagem, um paradigma da coisa. Embora esse movimento de abstração da mercadoria pareça-nos simples negação da mercadoria no real, Debord demonstra que a imagem tomou o lugar da mercadoria no mundo do capital, portanto, o consumo não é mera mediação de imagens, mas da própria imagem da coisa. Imagem e mercadoria efetiva estão afastadas e separadas, a imagem é a máxima do afastamento da realidade e escolha da sociedade de consumo, desta forma, é representação das relações sociais:

O espetáculo não é o conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediada por imagens. (DEBORD, 1997, p.14)

E ainda:

Não é possível fazer uma oposição abstrata entre o espetáculo e a atividade social efetiva: esse desdobramento também é desdobrado. O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular a qual adere de forma positiva. A realidade objetiva está presente dos dois lados. Assim estabelecida, cada noção só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente. (SdE, §8)

Com efeito, a separação existente entre mercadoria e imagem desencadeou alguns efeitos no que concebemos por realidade. Para entendermos melhor, imaginemos indivíduos que vão às gôndolas de um mercado, compram um modo de vida, um sentimento, uma determinada marca que significa qualidade e acabam por esquecer que um determinado produto é fruto de uma relação social dialética que, de um lado estão a força de trabalho, o proletário, o camponês, o salário e de outro lado estão o modo de produção, a mais valia, o latifundiário, o proprietário.

Há uma separação total entre o real e o não-real, uma relação de ilusão entre ambos, fetichista, autoritária e demasiado imperceptível. Debord demonstra que quando há o intento de emergir a realidade efetiva dentro do movimento espetacular, já é antes parte do espetáculo geral.

Desta forma, ao analisarmos em linhas e fatos históricos, percebemos que a possibilidade do surgimento da sociedade do espetáculo está diretamente relacionada às espantosas condições atuais dos meios de produção – fragmentado, separado, sectário e segmentado – como algo nunca visto no passado.

Por meio da exploração e da acumulação, o homem não se reconhece como produtor, fascina-se e contempla alienadamente as muitas mercadorias e coisas com o desejo de consumo, de quem não reconhece suas causas e origens reais. Este sistema elaborado para encobrir a verdadeira finalidade do projeto capitalista é o espetáculo, bem como sintetiza Debord que “o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (SdE, §34)

Ora, é assim que opera o modus espetacular: de um lado espectadores que assistem e contemplam, e de outro lado o espetáculo, quão mais difícil de se reconhecer quando somos espectadores e protagonistas do mesmo. Porém, a seleção de imagens e a forma de representar estão guardadas a uma parte seleta, como já dissemos anteriormente.

O espetáculo não é, neste sentido, um movimento de forças ocultas manipuladoras que a classe dominante se vale para dominar as grandes massas, mas, é um movimento cadenciado dos atuais meios de produção e da acumulação de capital-mercadoria.

Seria simplório que os dominantes estruturassem um grande plano no qual manipulam as sociedades e que as classes dominadas apenas consentissem em assistir passivamente o espetáculo, mas é mais abrangente a reflexão quando admitirmos que a circulação de mercadorias e a manutenção do sistema são reféns do espetáculo, caso contrário, o colapso total do capitalismo já teria se consumado apoditicamente. Assim nos explica:

À medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho se torna necessário. O espetáculo é o sonho mau da sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guarda desse sono. (SdE, §21)

As atuais sociedades contemporâneas, tanto nos polos ocidentais como nos polos orientais, conformaram-se em uma unidade, a divisão consumada entre vida real e a ilusão está presente e percorre os mais diversos estilos e modos de vida, visto que o fenômeno da globalização é o alcance da totalidade do espetáculo e a imposição da ordem capitalista a nível global. As práticas de organização social e política dos diferentes modos de vida foram subtraídas pelo capitalismo, sujeitos a miséria, a não opção pelo espetáculo ameaça a existência de povos e civilizações.

Haja vista, os países no continente africano e asiático que pelo próprio desenvolvimento de sua história, pareciam-nos apontar para possibilidades diversas da realidade espetacular, todavia, a violência em que se impõe as regras do jogo fadou estrategicamente que as experiências fossem incorporadas a lógica do espetáculo. Teve, nesse sentido, grande importância a indústria cultural e cinematográfica em que se produz cultura como mercadoria; filmes, roupas, estátuas e culinárias transformadas em produtos para que sejam consumidos e secularizados como propriedade global, então, como o próprio espetáculo.

Assistimos, portanto, ao nivelamento, do que já podemos considerar o conteúdo espetacular, nas mais diversas e heterogêneas civilizações. A corrida pelo

poder na atualidade é a corrida pelo lucro e acúmulo, donde agora instala-se a nível global.

Neste horizonte, como Debord elabora na Internacional Situacionista⁴, provêm às regras do jogo: as grandes massas trabalhadoras são a força produtiva e consumidora, de um sistema que visa o quanto mais acumular melhor. Diferente dos regimes anteriores políticos que tinham como eixo uma outra espécie de poder, como na antiguidade em que gregos e romanos compunham uma classe aristocrática ou na idade média que os governantes oligarcas detinham grandes extensões agrárias, o regime atual está a serviço do acúmulo de capital para uma classe dominante, é neste sentido o eixo do poder da sociedade atual; então, a noção de representação política é necessária para as sociedades que estão no jogo, como regra principal, assim, o afastamento do poder das massas trabalhadoras e o policiamento operado por meio da vigilância e da violência garantem a segurança do funcionamento normal do espetáculo.

Ora, a história nos indica, fortuitamente, quem nos ensinou a cultivar tais valores que valem como regra universal na nossa atual conjuntura política: a burguesia. Debord nos elucida sobre o assunto:

O movimento real que suprime as condições existentes governa a sociedade a partir da vitória da burguesia na economia e, visivelmente, desde a tradução política dessa vitória. O desenvolvimento das forças produtivas rompeu as antigas relações de produção, e toda a ordem estatal se desfaz em poeira. Tudo que era absoluto torna-se histórico. (SdE, §73)

A forma de governo por representação é a forma moderna política que temos em todos os continentes, seja por meio da democracia, da ditadura, da monarquia ou da teocracia. A representação política, ou seja, a representação dos interesses particulares de uma certa população social ou indivíduo social, almeja regular a vida

4 A Internacional Situacionista (IS) foi um movimento de artistas com cunho político. Acreditava-se que a arte é responsável por criar novas situações e não representar as mesmas como algo dado. Debord foi o redator do manifesto da IS, sendo que nesses escritos já se vislumbrava a noção de sociedade do espetáculo. Entre as décadas de 60 e 70, a IS teve importância fundamental na prática vanguardista e nas manifestações e organizações políticas. Jappe em sua obra *Guy Debord* explica que o surgimento da IS teve seus primeiros frutos na Internacional Letrista que se caracterizava como outro grupo de vanguarda artístico-política. A influência da IS foi de tamanha importância que as manifestações de Maio de 68 ocorridas na França tinham como fundamentação os postulados contidos nas revistas e manifestos da IS, ademais, a obra de Debord, SdE, foi o estopim intelectual para que os estudantes e trabalhadores tomassem as ruas.

política da sociedade que necessita do trabalho para proporcionar a sobrevivência da espécie, e surge, em geral, com peso técnico, durante a explosão demográfica dos séculos XIX e XX. O crescimento das populações convergiu em catástrofes cíclicas, dentre elas, o desemprego, o terrorismo e as guerras, que tem papel importante no espetáculo no que toca a sua auto-reprodução.

A democracia nas sociedades nas quais se conservam os valores da Revolução Francesa, em geral no ocidente, é a forma de representação conservada para o mundo do capital com mais veemência, pois, as noções de liberdade, igualdade e fraternidade culminam na noção de representatividade; todavia, a representatividade política é poder separado dos indivíduos sociais, portanto, no que concerne ao espectro político fica conferido às massas proletárias o papel de meros espectadores.

A política espetacular é um mero artifício da estrutura do espetáculo, não só a representação profissional da política como a separação das classes proletárias na luta contra o capital. A classe proletária não se reconhece como única, e na medida em que se entende como única se separa pela especialização; o anarquismo, o socialismo, os movimentos sociais, os trabalhadores que são especializados em metalúrgicos, professores, siderúrgicos, administradores, funcionários e entre outros são representados pelos seus respectivos sindicatos e movimentos são o poder e consciência separada destas parcelas.

Chamamos de sociedade do espetáculo todo o conjunto que abrange a totalidade da sociedade, não é um movimento simples manipulador, mas uma ideologia materializada em real. Os sujeitos inseridos na sociedade seguem as regras do jogo proposto, as condições do capital, os passos do vencedor, de forma lógica e fluída, apercebidos da sugestão e do conteúdo que é o espetáculo.

A sociedade do espetáculo é ao mesmo tempo ilusão e realidade, pois se considerarmos que o espetáculo é mera ilusão, então, negaríamos as condições materiais tecidas pelos meios de produção e pela história:

O mundo presente e ausente que o espetáculo faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido. E o mundo da mercadoria é assim mostrado como ele é, pois seu movimento é idêntico ao afastamento dos homens entre si e em sua relação a tudo que produzem. (SdE, §37)

Refletir sobre a história é, inseparavelmente, refletir sobre o poder [...] (idem, §134)

O espetáculo nas suas diversas especializações é emanado por frentes materiais visíveis e autônomas nesta conjuntura, estão presentes nos mais diversos programas da sociedade. Elas ratificam a concepção de espetáculo e invadem todos os setores da vida, transformando-os em monumentais negócios e empreendimentos: desde programas educacionais, científicos, religiões, consultórios de valores morais, as instituições e o espaço público, entre outros, são consolidados na forma de imagem mercadoria e detêm a força ideológica total da sociedade.

2.2. ESPETÁCULO E FETICHISMO EM GUY DEBORD

Como vimos, o espetáculo não é apenas mais uma ideia que permeia a sociedade capitalista contemporânea, mas, uma relação social mediada por imagens e nesse sentido é a exacerbação do que a tradição marxista entende por fetichismo das mercadorias. Para melhor entendermos analisaremos o conceito de forma separada e assim corroborar o que Debord propôs em sua obra *A sociedade do espetáculo* em relação ao fetichismo e o espetáculo.

Karl Marx (1818-1883) escreveu *O Capital*, obra ainda atual para a compreensão da estrutura que compõe o capitalismo e na mesma obra postulou que a mercadoria tem dois valores intrínsecos a si, o valor de uso e o valor de troca. No início de seu texto traz a seguinte definição de mercadoria:

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se por exemplo, elas vêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção. (MARX, ANO, p.157)

Marx continua em seu texto dizendo que “toda coisa útil... deve ser considerada sob duplo ponto de vista: o da qualidade e o da quantidade.”

A qualidade das coisas é o valor de uso da mercadoria, ou seja, para que serve a coisa e o valor que historicamente lhe foi agregado. Por exemplo, usamos um copo para ingerir líquidos, uma mesa para apoiar outra variedade de coisas, roupas para nos proteger do frio e de insetos... Todas essas coisas, por meio das relações sociais constituídas historicamente agregaram valor de uso, sem isto, um pedaço de madeira, a seda ou o ferro não constituem nada senão um recurso da natureza.

A quantidade, por outro lado, é uma peculiaridade metafísica da coisa, uma vez que se trata do valor de troca, ao que afirma Marx, “uma relação que se altera constantemente no tempo e espaço”(MARX, ANO, p.158), pois, varia de uma coisa para outra. Marx conclui que o valor de troca é determinado pela quantidade de trabalho dispendido durante a sua produção. (MARX, ANO, p.162)

Nesse sentido, entendemos que mercadoria é qualquer produto das relações sociais entre homens que tenham valor de uso e valor de troca e que sejam colocados em circulação no mercado.

Não dizemos que tudo que é produzido pelos homens é mercadoria pelo simples fato que em outras épocas a troca de bens não era realizada por meio da abstração do valor de troca. Um exemplo é que no capitalismo tornamos equivalente a produção de um determinado bem a um outro totalmente distinto, uma saca de feijão a uma cadeira. Isto só é possível porque calculamos o tempo de trabalho para a produção de ambas e apagamos o seu valor de uso, pois, o primeiro tem a finalidade de garantir a subsistência do ser humano e o segundo acomodar o ser humano em estado de repouso, todavia, ambos possuem o mesmo tempo de trabalho empregado e por isso possuem o mesmo valor.

Outro fato é que a propriedade e o recurso natural ganham, no mundo capitalista, um mesmo valor por seu potencial de produtividade, ou seja, o capitalista cria previsões de quanto de valor aquela propriedade ou determinado recurso natural podem produzir e a partir disso determinam que propriedade X possui valor Y portanto o seu preço é N , ou então, que o recurso natural pode produzir X e portanto seu preço é Y .

Marx aponta que as mercadorias enquanto pensamos sua quantidade perdem todas as qualidades e passam a ser produtos do trabalho em que o valor de uso pouco importa para realização da troca. “O produto não é mais uma mesa, uma casa, um fio ou qualquer coisa útil. Todas as suas qualidades sensíveis foram apagadas.” (MARX, ANO, p.160) Um tanto mais torna-se abstrata a mercadoria que apenas possui em si apenas um valor de troca, apaga o seu devir e sua causa eficiente em detrimento de uma ideia de tempo empregado de trabalho.

Dada as condições que apagam da mercadoria seu valor de uso, sua qualidade e a qualidade de homens que a produziram, resta a mercadoria apenas um valor, o valor de troca – a quantidade de trabalho ou tempo de trabalho empregado para sua produção. A mercadoria é, nesse sentido, uma coisa independente e que possui valor semelhante a qualquer outra coisa que tenha a mesma quantidade de trabalho que ela. Então

[...] os produtos aparecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação uma com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias. (MARX, ANO, p.206-207)

A mercadoria ganha formas enfeitiçadas e fantasmagóricas⁵ uma vez que no mercado ganham seu caráter independente e ocultam de si o trabalho humano, e como Marx desenvolve mais adiante na sua obra: o mais-valor, e o seu uso frente as necessidades humanas.

Nesse sentido, não é forçoso dizer que o espetáculo é o fetichismo da mercadoria em seu mais alto grau. A primeira vista, o fetichismo da mercadoria estava contido nas relações sociais em que se apagava sua história e sua exploração, no espetáculo, acumulamos tantas mercadorias que nos afastamos da sua história, do trabalho explorado e de sua materialidade enquanto coisa tornando-

5 A palavra fetiche possui sua raiz etimológica no francês e que em português ganha livre tradução como feitiço. Marx demonstra em seu texto que a relação que o homem possui com a mercadoria é semelhante a relação que o homem possui com a religião, uma vez que o homem cria a deus e distante de sua criação o concebe como ser superior e separado. Nos diz, “Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso[...]”.

a simples imagem daquilo que é. É uma falsa representação porque a relação tomada pelos homens é uma relação entre imagens, em termos marxianos, fantasmagóricas e enfeitiçadas que tomam vida própria e subtraem qualquer outro caráter que a mercadoria poderia apresentar:

O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por 'coisas suprassensíveis, embora sensíveis', realiza-se completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele e que, ao mesmo tempo, se fez reconhecer sensível por excelência. (SdE,§36)

A mercadoria, enquanto coisa, torna-se imagem, enquanto trabalho, reifica-se para que o sujeito contemple uma imensa quantidade de espetáculos. A fragmentação do trabalho é a fragmentação da vida, tal qual como epigrafa Debord em seu segundo capítulo Georg Lukács⁶. O espetáculo consome o tempo do sujeito em novas mercadorias, lazeres e descansos programados a fim de produzir novos excedentes. As mercadorias, os lazeres e os descansos programados surgem como oásis em tenro deserto, um espetáculo cujo a sua história afastou-se do que realmente é vivido.

2.3. A ATUALIDADE DA OBRA A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Debord, como pensador marxiano, busca em sua obra tornar claro que bem como qualquer teoria dialética, não possui um pensamento estático (ZACARIAS, 2022, p.29), por isso, atestar a atualidade da obra de Guy Debord, *A sociedade do espetáculo*, é parte do nosso trabalho, uma vez que com o advento das redes sociais, internet e dos smartphones, em que se acredita haver interlocução entre os sujeitos, que a imagem se tornou mercadoria e que o espetáculo se apropriou das mais íntimas esferas da realidade, possibilita-nos ampliar o diálogo como a sua produção e a nossa atualidade.

⁶ Georg Lukács foi um filósofo húngaro, entre suas obras, a referida por Debord é *História e Consciência de Classe*. Debord vê nessa obra importantes conceitos para desenvolver suas teses que tratam da reificação do sujeito bem como a sua própria fragmentação dadas as condições materiais de produtividade.

A relação que os sujeitos tomaram com a mercadoria em nosso século faz aparecer com muito mais clareza de que sociedade Debord estava versando. No formato de catálogo de imagens, o afastamento da materialidade e a falsa subjetividade das relações sociais aparecem como uma nova ordem de modo de vida.

A brilhante imagem que Andy Warhol produz na sua obra *Marilyn Diptych* traduz com inteligência e sutileza a ideia que Debord expressa por meio da filosofia. A constante reprodutibilidade de coisas que outrora possuía um caráter técnico ou com vistas a sua utilidade, ganha nova semântica na nova ordem vigente do capitalismo. A reprodução do ser humano, dentro da perspectiva espetaculista, é o horizonte de toda sociedade do espetáculo que mina ou absorve as possibilidades de contradição ou superação das contradições já existentes. Marilyn Monroe, nesta perspectiva, deixa de ser uma atriz talentosa e uma mulher, e ganha todas as propriedades de uma mercadoria: possui um valor e um trabalho contido em sua imagem.

Assim como a mercadoria inserida no contexto da industrialização é reproduzida em larga escala, o ser humano é reproduzido de forma massificada. A criação de instituições governamentais, o acesso à informação selecionada e as mídias de massa promoveram a reprodutibilidade mercantilizada do homem. O que se impõe a nosso pensamento é que o ser humano está tomado por todos os lados pelo espetáculo, em que escolher uma profissão, um estilo ou ser adepto a uma causa parece estar sempre disponível nas opções contidas no espetáculo.

Com o anunciado fim da originalidade própria da arte e da ação política, o espetáculo invade a privacidade dos sujeitos por meio do avanço tecnológico e dos aparelhos digitais e dos discursos proferidos difusamente por meio deles. O que aparece a primeira vista em nosso século é a vitória da democracia frente os poderes autoritários da classe dominante, com a formulação de um sistema de alta complexidade, regido pelos algoritmos e as vozes dissonantes. Entretanto, esse complexo de coisas e relações são redirecionados para o próprio espetáculo, que visa, senão, apenas ele mesmo.

O surgimento do mundo digital, interconectado, dissolveu as fronteiras do espetáculo. A eminente transformação das relações sociais cadenciadas pela

mudança das condições materiais colocou um novo desafio aos proletariados e trabalhadores no que se refere ao desvelamento do mundo empírico, o emprego ideológico de um novo sistema de crenças em que o espetáculo é o mito e a religião que imanta as contradições contidas na luta de classes.

As atuais condições materiais resultantes dos avanços técnicos aprimorados nas últimas décadas concederam as classes trabalhadoras, de forma geral, o aumento do “tempo livre”, antes restrito às classes média e burguesa. Associado ao tempo, o consumo das mercadorias e a reificação do pensamento, da história, da política e das artes, perverteu o ócio em lazer e o conhecimento em informação, ambos na forma imagem e mercadoria, logo, espetáculo.

O consumo das mercadorias e a mercantilização do humano por meio das plataformas digitais colocou-nos como vigilantes da própria ordem espetacular. Shoshana Zuboff⁷ em sua obra *A era do capitalismo de vigilância* propõe que as transformações tecnológicas proporcionaram um novo tipo de mercado no capitalismo moderno que chama de capitalismo de vigilância. Muito além das mercadorias, o capitalismo de vigilância quer tudo – bem como Debord remonta o espetáculo como totalizador – e em sua empresa o faz:

O capitalismo de vigilância reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais... alimentando avançados processos de fabricação conhecidos como “inteligência de máquina” e manufaturando em *produtos de predição* que antecipam o que um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco e mais tarde [...] (ZUBOFF, ANO, p. 22)

Em outra passagem, Debord nos alerta algo semelhante na SdE:

A vedete do espetáculo, a representação espetacular do homem vivo, ao concentrar em si a imagem de um papel possível, concentra pois essa

7 Shoshana Zuboff é uma intelectual, filósofa e escritora estadunidense que pensou sobre o capitalismo mundial moderno em que os dados colhidos pelas grandes empresas com maior domínio na internet podem ser decisivos em relação aos rumos políticos e econômicos no mundo contemporâneo. Sua obra de maior notoriedade é *A era do capitalismo de vigilância* em que aborda de forma sistemática o assunto.

banalidade. A condição de vedete é a especialização do vivido aparente, o objeto de identificação com a vida aparente sem profundidade, que deve compensar o estilhaçamento das especializações produtivas de fato vividas. As vedetes existem para representar tipos de variados estilos de vida e de estilos de compreensão da sociedade, livres para agir globalmente. Elas encarnam o resultado inacessível do trabalho social, imitando subprodutos desse trabalho que são magicamente transferidos acima dele como sua finalidade: o poder e as férias, a decisão e o consumo que estão no início e no fim de um processo indiscutido[...] (SdE, p. 40)

A ideia que aqui se monta é que a nova matéria-prima do capitalismo é o próprio humano, tendo agora em posse os desejos, cria-se novos desejos e mercadorias que sejam capazes de ocupar e manter os sujeitos na aparência livres e senhores de sua própria realidade.

As redes sociais e os sites de pesquisa engodaram um grande divisor de águas em relação ao avanço do espetáculo. Com poucos cliques, os sujeitos tornam virtual todas as relações diretamente vividas. Ao invés das gôndolas de supermercado, os infinitos catálogos de consumo, a invés de restaurantes, a experiência dos requintados cardápios em sua casa, de encontros casuais, as salas de bate papo... uma infinidade de coisas que os capitalistas de vigilância poderão prever o comportamento e fabricar mercadorias que renderão lucros astronômicos ou até mesmo enveredar um posicionamento político hegemônico entre os usuários.

O capitalismo navega em águas calmas e plantou sua semente em terreno fértil. “Com tal reorientação transformando conhecimento em poder, não basta mais automatizar o fluxo de informação sobre nós; a meta agora é nos automatizar.” (ZUBOFF, ano, p.23)

Debord anteriormente separou em espetáculo difuso e espetáculo concentrado, sendo que o espetáculo concentrado pertence essencialmente ao capitalismo burocrático (SdE, p.42), essa representação do poder estatal autocrático, e o espetáculo difuso o que acompanha a abundância de mercadorias, o desenvolvimento não perturbado do capitalismo moderno (SdE, p. 43), esse representação do poder democrático. Ambos foram pensados no mundo bipartido entre Estados Unidos da América e a União Soviética. Com o fim da polarização,

Debord se debruça em sua obra *Comentários sobre a sociedade do espetáculo*⁸, é sobre a dissolução dos dois tipos de espetáculos e o surgimento do espetáculo integrado que é o trânsito entre um e outro. Em 1988 havia escrito:

A sociedade modernizada até o estágio do espetacular integrado se caracteriza pelo efeito combinado de cinco aspectos principais, que são: a incessante renovação tecnológica, a fusão econômico-estatal, o segredo generalizado, o falso sem réplicas, o presente perpétuo (Debord, 1997, p. 175)

A perspicaz demonstração de Debord ao caracterizar o avanço das forças espetaculistas se dá pelo fato de que o capitalismo está sempre submetido a constantes transformações tecnológicas como vimos até aqui, depende dessas transformações e avanços técnicos maiores embustes como a fé em novas ciências, como a informática.

8 Na presente versão que estamos utilizando de *A sociedade do espetáculo* (1997) da Editora Contraponto há um segundo livro de Debord, *Comentários sobre a sociedade do espetáculo*, cujo objetivo do autor é esclarecer algumas teses tendo em vista o atual contexto histórico de 1988.

3. O FETICHISMO DO DIPLOMA

Vimos que a sociedade brasileira está fundada no sistema de dominação capitalista e que Debord entende que toda sociedade atualmente fundada sob as forças produtivas capitalistas está diretamente assentada no espetáculo. Por conseguinte, toda ideologia é espetacular e, portanto, o objeto de nossa investigação, a educação brasileira é espetacular. Neste capítulo, tratamos da espetacularização entre os sujeitos na educação.

A educação, tendo em vista o fenômeno histórico que nos é conhecido sobre o mundo ocidental, incorporava o seu caráter ora reacionário (quando pensamos nas questões morais e culturais), ora revolucionário (quando pensamos o seu papel crítico). Um outro caráter expresso pela educação é o seu engajamento no desenvolvimento da ciência, do conhecimento e da técnica que cumulam dialeticamente ambos os caracteres mencionados.

Nessa perspectiva, a educação é produto das determinações materiais que são formuladas em cada período histórico e suas transições que revelam suas contradições entre a conservação de uma ordem vigente e a luta pela mudança para o estabelecimento de uma nova sociedade.

Um exemplo disso é a transição entre feudalismo e capitalismo que se deu pelo fomento de descobertas científicas concomitantemente com as divergências educacionais de cunho filosófico em relação aos temas já conhecidos como, liberdade, deus e os limites do conhecimento. Muito além da mera discussão conceitual, montava-se uma dialética entre as classes dominantes que disputavam a hegemonia do poder ou sua tomada violenta. Essa luta se dava no campo do discurso e no campo do embate sangrento nos quais as guerras em nome de deus e da liberdade eram a tônica para justificar os interesses de classe que permeavam além das aparências.

Como parte integrante do embate no campo do discurso, a educação opera de forma característica na reprodução do conhecimento estabelecido de certa época e, por outro lado, avança de forma revolucionária a fim de superar as contradições existentes. Em seu limiar, a educação é uma das mais manifestas formas de representação de uma determinada época.

No mundo em que o capitalismo está consolidado, a mercadoria é a unidade mais simples de representação material, e invade todas as formas de representação expressas por uma determinada sociedade. (MARX, 2023, p.157) A mercadoria aprimorada tecnicamente e tecnologicamente corroborou na imersão do trabalhador num processo profundo de alienação no qual a ideologia da classe dominante tornou-se a verdade da sociedade: o espetáculo.

Dadas as demandas tecnocráticas da mercadoria e do espetáculo, ideologizou-se na educação, a espelho das estruturas sociais, a divisão entre os especialistas e os não especialistas, separando os trabalhadores entre os que executam o trabalho manual e os que executam o trabalho intelectual (CHAUÍ, 2001,p.75). Dada a tradição filosófica ocidental em que o trabalho intelectual é privilegiado em detrimento do trabalho manual, os especialistas ganharam destaque na sociedade do espetáculo em que a representação das coisas tem mais valor que a sua materialidade. Os especialistas tornaram-se a uma classe que detêm um determinado poder sobre os trabalhadores manuais.

Ademais, admite-se uma crença que apenas os especialistas em algo podem versar sobre determinado assunto. Por exemplo, o advogado versa sobre as leis, o médico versa sobre a saúde ou um contador versa sobre as finanças. No mundo dos espetáculos, a separação da vida é necessária a fim de sustentar sua própria ideologia. Para designar os especialistas, parece procedente pensar que o sujeito precisou aprender e se educar para executar sua função social. Entretanto, é devido às demandas de trabalho, controle social e separação do trabalho que se dá a especialização.

A especialização por sua vez, dada a quantidade de imagens e particularidades das mercadorias e do espetáculo, ganha seu espaço nas escolas, institutos educacionais e universidades. Emerge deste processo, outra faceta do próprio espetáculo, a fragmentação da realidade e a unidade na fragmentação, tornando verdadeiro que a especialização é necessária para o bom andamento da sociedade. A especialização é expressa, não pela aquisição de conhecimento derivada do processo educativo – em movimento dialético e contraditório – mas, pela obtenção do diploma que outorga ao sujeito o exercício de determinada especialidade.

Ora, dissemos anteriormente que uma das expressões do espetáculo se dá pela obsessão do homem pela técnica, ou seja, pelo emprego de utilidade intrínseco às mercadorias, então, assim a arte, a ética e a política conferem à esfera da práxis, tal qual a ação não gera produtos, mas é idêntica a seu autor, a educação também é expressão da ação entre sujeitos. Contudo, as categorias que expressam a ação humana frente a seus próprios desafios da humanidade, conformaram-se a sociedade do espetáculo, e, como é próprio do espetáculo, as imagens tomaram o espaço do realmente vivido. O político é agora um administrador, o artista é um fabricante, a ética é um conjunto de regras da boa vida e do consumo e os sujeitos da educação produzem os profissionais e especialistas.

Nos últimos anos, os governantes brasileiros, a fim de suprir as demandas impostas pelas classes dominantes, tem adaptado e nivelado cada vez mais os currículos da educação básica em consonância com os propósitos tecnocratas. Disciplinas que inspiram a reflexão e a atitude crítica, antes minimamente presentes no currículo do ensino médio como filosofia, sociologia, história e literatura, são paulatinamente diminuídas em virtude do ensino técnico e profissionalizante. O modo que é medido o sucesso ou fracasso dessa empresa organizada pelas instituições educacionais é a burocracia estatística, em que os números e as curvas cartesianas são responsáveis por apagar as contradições da realidade e fazer aparecer o espetáculo.

As premissas de ampliação de programas educacionais com vistas à formulação da mão de obra aperfeiçoada tecnicamente corroboram a sua difusão espetacular. Do mesmo modo, como a mercadoria em alto grau de acumulação torna-se imagem, o trabalhador observa o esfacelamento da educação e sua pungente acumulação, não do conhecimento ou sua produção, mas, do seu produto e signo final, o diploma.

A sociedade brasileira fragmenta a classe trabalhadora, no que podemos dispor sobre o âmbito da educação, entre aqueles que possuem o diploma e os que não possuem. A filósofa brasileira Marilena de Souza Chauí, em seu ensaio *Ideologia da competência*, traz-nos a reflexão sobre o assunto propondo que tal divisão permite o controle político e social das massas, sendo o diploma um dos

instrumentos ideológicos para a manutenção das classes de forma opressora e autoritária. Chauí nos diz que:

[..]como toda ideologia, oculta a divisão social das classes, mas o faz com a peculiaridade de afirmar que a divisão social se realiza entre os competentes (os especialistas que possuem conhecimentos científicos e tecnológicos) e os incompetentes (os que executam as tarefas comandadas pelos especialistas). A ideologia da competência realiza a dominação pelo descomunal prestígio e poder do conhecimento científico tecnológico, ou seja, pelo prestígio e poder das ideias científicas e tecnológicas. (CHAUÍ, 2014, p. 46)

É, então, possível afirmar que os competentes são os que possuem o diploma, símbolo ideológico que outorga poder sobre os demais; e os incompetentes são os que não possuem diploma e desta forma estão subordinados e devem obedecer aos primeiros. Esta estrutura fragmenta a classe trabalhadora corporeificando a ideia de que há pessoas melhores e outras piores nas relações produtivas e de trabalho, apagando a contradição mais intrínseca ao capitalismo que é a exploração da mão de obra do trabalhador.

O diploma tornou-se a imagem e o produto empírico da educação e separa a práxis educativa e toda sua teleologia de si mesma. A educação que historicamente valorizava as manifestações das contradições emergentes, carregava consigo seu caráter vanguardista e revolucionário, que incitava o seu teor dialético, eclodiu em fragmentos tal qual a unidade mercadoria. Apoiou-se no caráter mais autoritário do espetáculo em que a sua tautologia massacrante se encerra no próprio espetáculo.

O que se retrata dentre essas contradições é que se por um lado o diploma representa o espetáculo no movimento ideológico que emerge da sociedade, por outro, os grupos sociais marginalizados, privados da produção de conhecimento, caminham em direção da conquista do diploma para ocupar os devidos lugares na luta de classes. Todavia, os efeitos devastadores da ideologia apagam essa faceta expressa pelo diploma colocando-os, os grupos sociais marginalizados, apenas como resultado de uma conquista na corrida do trabalhador-mercadoria

O educando ingressa nas instituições de ensino a fim de conquistar o diploma, pois, este representa um símbolo de dominação. Não é a toa que a presente desigualdade social no Brasil esteja associada ao acesso à educação, bem como ao ensino superior, pois, apenas uma parcela particular tem acesso ao ingresso nas universidades.

A reprodutibilidade capitalista permite que sujeitos distintos, com culturas distintas, gêneros distintos e saberes distintos possam ser nivelados a uma única finalidade que os une e separa, difunde e concentra, ou seja, “o espetáculo, como a sociedade moderna, está ao mesmo tempo unido e dividido [...]” (DEBORD, 1997, p. 37)

Chauí ainda afirma que as universidades convergem com as imposições do mundo capitalista, sendo assim:

Na medida em que essa ideologia está fundada na desigualdade entre os que possuem e os que não possuem o saber técnico-científico, este se torna o lugar preferencial da competição entre indivíduos e do sucesso de alguns deles contra os demais. Isso se manifesta não só na busca do diploma universitário a qualquer custo, mas também na nova forma assumida pela universidade como organização destinada não só a fornecer diplomas, mas também a realizar suas pesquisas segundo as exigências e demandas das organizações empresariais, isto é, do capital. Dessa maneira, a universidade alimenta a ideologia da competência e despoja-se de suas principais atividades: a formação crítica e a pesquisa. (CHAUÍ, 2014, p. 47-48)

Neste prisma, o educando e educador são impelidos por uma relação fetichista entre sujeitos e diploma. O fato de que o diploma é a mercadoria que define um determinado tipo de poder na sociedade e aparece como uma coisa distinta do processo educacional faz com que os sujeitos não reconheçam a história e o processo educacional como fator principal, mas apenas um meio para uma finalidade.

4. DIPLOMA E IDEOLOGIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA

Sob o controle do Estado e das classes dominantes, a educação tornou-se no Brasil parte integrante da identidade das forças produtivas e do sistema capitalista. As marcas da burguesia e do seu modo político mascaram a ordem vigente e aparecem como igualitárias e libertadoras. A produção intelectual, a institucionalização da educação, a burocratização dos processos educativos, a sobreposição de discursos, a formulação de currículos, a doutrina da meritocracia e a reprodutibilidade de ideais e crenças formam um conjunto de ideias que compõem as estruturas sociais da realidade. O nosso velho conhecido Karl Marx, em sua obra *Ideologia Alemã*, ensina que a representação deste conjunto de ideias cujo pertence a uma classe denomina-se ideologia.

A educação escolar, como destaca Louis Althusser, é um aparelho ideológico de estado, cumpre seu papel de reproduzir os conhecimentos preestabelecidos de uma determinada sociedade, sua organização, meios de produção e o modo de vida. Por isso, sendo um dos aparelhos ideológicos de estado, a educação escolar possui caráter de controle, uma vez que sendo o Estado, um Estado governado pelas classes dominantes, não se fará uma distinção entre o público e o privado. (ALTHUSSER, 1987, p.47-48)

Tal qual o funcionamento da sociedade do espetáculo, a educação escolar é uma seleção de imagens cuja circulação não quer outra coisa senão a si mesma. A experiência nos mostra que a virtual mudança que ocorre no mundo do capital, que antes demorava séculos, passa por um encolhimento cada vez maior, diminuindo, na aparência, de séculos para décadas, de décadas para anos... essa experiência é ressignificada pela educação escolar em que o tempo abandona sua perspectiva histórica e passa a ser espetacular, em outras palavras, o tempo regido pela mercadoria. A velocidade em que os meios de produção realizam o processo de fabricação de uma mercadoria é desmentida e ratificada por dois importantes motivos:

O primeiro é que, segundo Debord, a fragmentação dos meios de produção e a alienação do próprio trabalhador como produtor da forma-mercadoria o afasta do conhecimento causal dos processos autômatos que realizam a mercadoria. No

mesmo dia que o operário de uma fábrica retira a matéria-prima da natureza para produzir uma mercadoria, vai até o mercado e compra a mesma mercadoria. Um fantasma – a imagem que Marx faz da mercadoria – que surge nas gôndolas do mercado no qual o seu verdadeiro produtor está desconhecido.

O segundo motivo está relacionado à técnica e à tecnologia que, simultaneamente, avançam com a tarefa de tornar mais eficaz o tempo de produção da mercadoria e a promessa de livrar o homem do fardo do trabalho. Os sentidos e os dados imediatos da nossa experiência confrontados com a velocidade da produção de coisas, informações e imagens, não podem perceber outra coisa senão como o efêmero e espetacular é o tempo diante dos modos de produção e a maneira que se apresenta.

Diante disso, vamos assumir alguns pressupostos para que possamos engendrar a nossa tese:

1. A educação escolar é um aparelho ideológico de estado e por isso sua tarefa é reproduzir as ideias e narrativas das classes dominantes de cada tempo. No Brasil contemporâneo, dizemos que a burguesia tomou a forma das grandes corporações que comandam todas as áreas da economia e especulam as áreas sociais para alavancar seus grandes negócios.
2. Assim como se afigura o sistema de produção capitalista, a educação escolar brasileira consolidou os seus moldes, minando as possibilidades de unidade e de formação de consciência. O sistema de produção capitalista é fragmentado e sedimentado, ou seja, fragmentado na quantidade de operações a fim de otimizar o tempo e alienar o trabalhador e sedimentado no sentido de que constitui as relações sociais que culminarão no produto final, a mercadoria. A educação escolar está dividida em ciclos, ensinamentos, fases, anos, séries, disciplinas, áreas de conhecimento e períodos, portanto, fragmentada, tal forma não permitindo aos educandos a percepção da totalidade, mas apenas um fragmento ou recorte; já a sedimentação está no constante contínuo da conquista do diploma que o servirá para iniciar outro nível ou, conforme foi dito no

capítulo 2, para o exercício do poder pretensamente corroborando uma determinada legitimidade.

3. O movimento crescente da doutrina da meritocracia decorrente dos nossos dois primeiros argumentos.

O movimento que interpela a compreensão dos nossos argumentos a respeito da educação brasileira é a realização em ato da sociedade do espetáculo, expressa nos conceitos de ideologia, fetichismo da mercadoria e tempo. Em breves linhas, vamos antes tratar de esclarecer, o que se entende por ideologia e doutrina da meritocracia.

4.1. CONCEITO GERAL DE IDEOLOGIA NA TRADIÇÃO MARXISTA

Desde o século XVIII, defende-se que as sociedades são formadas e que, a partir de sua formação, apropriam-se de um conjunto de ideias para assim organizar o campo de produção de conhecimento e seus sistemas de crença. Embora a início não tenha tomado o teor semântico que Karl Marx cunhou, a ideologia já se pretendia constituir como conhecimento de mundo material. Chauí, em *O que é Ideologia*, fará uma importante demonstração no capítulo III de sua obra de como o termo foi cunhado pelos pensadores franceses que eram chamados de ideólogos:

O termo ideologia aparece pela primeira vez na França, após a Revolução Francesa (1789), no início do século XIX, em 1801, no livro Destutt de Tracy, *Eléments d' Ideologie (Elementos de Ideologia)*[...] pretendia elaborar uma gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, como o meio ambiente.

[...] Eram materialistas, isto é, admitiam apenas causas naturais físicas (ou materiais) para as ideias e ações humanas e só aceitavam conhecimentos científicos baseados na observação dos fatos e na experimentação. (CHAUÍ, 2008,p.25)

Foi Karl Marx um dos pensadores que conceituou ideologia como hoje correntemente conhecemos. Ele propõe sua concepção na obra, *Ideologia Alemã*. Nessa obra Marx se ocupará em resolver as questões que os primeiros ideólogos se propuseram a pensar e, então, explicitar por meio de dois importantes conceitos como a organização da sociedade segue na normalidade, em especial a capitalista, na qual a exploração e a diferença de classes parecem não existir e uma resposta crítica frente a esse problema. Respectivamente são os conceitos de ideologia e materialismo histórico que ganharão lugar em sua obra e que até hoje ocupam espaço para discussões acadêmicas e, até mesmo, de outros gêneros.

Marx fez em seu texto uma extensa exposição para explicar o surgimento da ideologia. Entre suas explicações, a busca por uma compreensão histórica e dialética fica inscrita na busca da oposição entre as contradições existentes no mundo e as que permeiam a divisão do trabalho. Suas reflexões revelam que as sociedades, em especial a alemã, dispõem de determinadas condições materiais, ou seja, tudo aquilo que é necessário para o provimento da sobrevivência; a partir disto, organizam-se socialmente para realizar a produção dos meios de vida. Ocorre que em determinadas organizações os mais fortes ou aqueles que detêm uma força repressiva passam a dominar os mais fracos, daí despende a gênese da divisão do trabalho.

Friederich Hegel⁹ já discutia as relações que se realizam dialeticamente entre o senhor e o escravo. Entretanto, sua filosofia culminou na expressão idealista da realidade conformando às sínteses das contradições materiais em um postulado que se autorrealiza apenas na sua forma que assim chamou de espírito absoluto. Marx, por outro lado, entenderá que as mesmas relações dialéticas entre aqueles que dominam e os que são dominados são temporalmente substituídas por outras contrações de dominação. O filósofo afirmará que a história como ciência que busca a verdade não é a história que, segundo os gregos e os antigos, conta sobre os feitos de grandes homens, mas, a história das contradições e condições materiais

9 Frederic Hegel foi um importante filósofo para o desenvolvimento da filosofia marxista. A sua vasta obra e demonstração de uma lógica dialética influenciaram na concepção de luta de classes e de materialismo histórico-dialético. Em suma, essa demonstração que Hegel propõe aparece na sua importante obra *Fenomenologia do Espírito*. No entanto, percebemos que Karl Marx é um leitor diligente da obra hegeliana, na qual realizou a crítica de seu método histórico e ao idealismo

em que viveram determinadas sociedades. A este método, Marx nomeou de materialismo histórico dialético.

Inevitavelmente, Marx afirmará ainda que o progresso da história da humanidade reside necessariamente no fim da luta de classes, ou seja, em que os modos de produção, as condições materiais e a organização social para o provimento do modo de vida, não forem mais radicalmente divididos na oposição de dominantes e dominados, portanto, com a ascensão do comunismo.

Divididos entre classes, surge uma nova divisão entre os dominados que se dará entre trabalho intelectual e trabalho manual. Depende dessa divisão, segundo Marx, que as classes dominantes que se prestam à intensa vigília pela garantia de sua dominação, passam a representar as suas ideias como as ideias da sociedade e os trabalhadores intelectuais passam a ser os responsáveis por assumir a lógica das ideias dominantes. Esse processo produz uma determinada consciência sobre as relações sociais que foram estabelecidas pelas condições materiais vigentes. As ideias transitam entre os homens como ideias verdadeiras a respeito da realidade e não como uma cosmovisão particular de uma determinada classe. O desencadeamento e consolidação desses processos que fazem apagar de toda realidade a consciência de que há uma determinação dada pelas condições materiais e não uma determinação dada pelas ideias, Marx, nomeou de ideologia.

A sociedade capitalista caracteriza-se pela luta existente entre a classe dominante denominada burguesia e a classe dominada denominada proletariado e trabalhador assalariado. As ideias que permeiam essa sociedade são as ideias da classe dominante, a religião, a educação, as leis, a política, a moral, a ciência, as organizações e todas as instituições que compõem o campo das ideias são representação da burguesia, uma redução do que eles entendem por mundo. Essa redução não é simplesmente uma visão de mundo, mas, um conjunto de expedientes para a dominação além dos próprios aparelhos de estado, por exemplo, a polícia, que detêm o monopólio da violência.

Como dissemos, Althusser interpreta que a Ideologia se corporeifica em lugares, aos quais chamou de aparelhos ideológicos de estado (AIE). São nestes lugares que se interpelam os discursos assumidos pela classe dominante e assim interpelando a própria ideologia. O que distingue os AIE do aparelho de estado é a

diferença fundamental seguinte: o aparelho de estado funciona pela violência enquanto o AIE funciona pela ideologia. São nas escolas, igrejas, tribunais, nos lares, nos sindicatos, na televisão, nos jornais, nos museus, nos cinemas em que se faz presente a operação discursiva da própria ideologia. (Althusser, 1987, p.44 e 46)

Ainda Antonio Gramsci (1891-1937) reflete que o conceito marxista sobre a ideologia deveria ser pensado a partir da totalidade das coisas, e, portanto, as dimensões econômicas e dimensões culturais da existência da sociedade, incluindo a educação, cujo o relacionamento com a ideologia aborda explicitamente.[...] Gramsci elaborou importantes considerações a partir de suas reflexões acerca da ideologia, tendo como ponto de partida não apenas a atividade teórica, mas, também a atividade prática, propondo que a ideologia perpassa do campo conceitual para o mundo integral da vida social humana.(SEVERINO, 1986, p.41-42)

É importante darmos destaque ao que Severino (1986) chama a atenção sobre os textos de Gramsci, em especial, *Os intelectuais e a organização da cultura*, no qual:

Gramsci chama *intelectuais* os elementos que servem de mediadores do grupo dominante para o exercício destas funções, de hegemonia e de comando. Por isso, os qualifica de *comissários* do grupo dominante. (SEVERINO, 1986, p.43)

Ora, no contexto epistemológico, os intelectuais são os formadores e que esta classe, que parece estar aquém da sociedade, estabelece as bases para educação, logo, estas bases, segundo Gramsci, podendo servir a ideologia dominante ou não.

O conceito de ideologia, a partir da elaboração de Marx, foi amplamente discutido com o objetivo de torná-lo cada vez mais claro e assim que o proletariado e os trabalhadores assalariados pudessem se apropriar das reais condições e tornar possível a superação do sistema capitalista. Não obstante, Debord na SdE, conforme dissemos no capítulo 1, demonstra que o avanço da ideologia associado à imensa produção de mercadorias, culmina no próprio espetáculo no qual as ideias passam a invadir o real e movimentam-se em direção da destruição aparente das contradições. O espetáculo é a ideologia que se efetivou. (SdE, §5)

4.2. A DOCTRINA DA MERITOCRACIA

A palavra meritocracia aparece pela primeira vez na obra de Michael Young¹⁰ intitulada *A ascensão da meritocracia*, e o autor a usa para explicar como as práticas escolares do sistema educacional britânico que tendem a favorecer os alunos que supostamente são mais inteligentes em detrimento da exclusão dos que são julgados menos inteligentes. Os alunos que são mais inteligentes recebem uma educação escolar diferenciada, dando-lhes a oportunidade de desenvolver outros talentos e novas formas de conhecimento, enquanto os que são menos inteligentes recebem uma educação mais básica e elementar acreditando-se que não poderão desenvolver outros talentos e formas de conhecimento. O que decorre desta demonstração é que Young perceberá que a possibilidade de avanço daqueles que são julgados menos inteligentes fica castrada pois o pressuposto de que não se esforçam em aprender tira-lhes toda espécie de poder alcançar os que são julgados mais inteligentes e esforçados.

Young dá à palavra *meritocracia* um primeiro sentido pejorativo, pois, ao contrário do que idealizamos o ambiente escolar, os alunos não poderão desfrutar igualmente uma educação escolar para suas vivências no mundo do trabalho e na vida cotidiana. Em sua obra, o escritor classifica como distópica uma sociedade que vivesse sob os moldes da meritocracia.

Indiscriminadamente, o neoliberalismo apropriou-se do termo para justificar ideologicamente as desigualdades sociais de acordo com o que o único motivo de toda miséria da humanidade é a falta de esforço de grande parcela de integrantes da população, julgados como ociosos e pessimistas. O que fica posto é que no mundo capitalista, no qual os ideais de igualdade, fraternidade e liberdade são hegemonicamente difundidos, todos temos as mesmas possibilidades de competir entre nós e alcançar o sucesso e a prosperidade financeira. Aquele que se esforça mais merece ser mais próspero e o que se esforça menos produz menos prosperidade.

¹⁰ Michael Young foi um sociólogo, político e ativista estadunidense escritor da obra *The Rise of the Meritocracy* (A Ascensão da meritocracia) do qual nos apropriamos do conceito para desenvolver as ideias relacionadas a questões educacionais brasileiras

Há muitos problemas na concepção da doutrina da meritocracia, dentre eles sua aplicação no sistema capitalista e o pressuposto de que todos os seres humanos são iguais em suas possibilidades físicas, psíquicas, sociais e étnicas.

O capitalismo, em seu próprio movimento, produz com eminência as desigualdades socioeconômicas, o individualismo e a fragmentação étnica. Surgido da oportuna tomada de poder da classe burguesa, o capitalismo carrega consigo sua própria localização geográfica em que o homem europeu é superior e melhor que os homens de outras etnias. A experiência capitalista europeia, difundida ainda em tempos de capitalismo agrário, germinou suas sementes em todos os lugares do mundo ignorando as demais experiências. Por isso, a questão que se coloca na doutrina da meritocracia está justamente relacionada ao ponto de partida que cada indivíduo, grupo social e etnia está situado para que se possa sustentar o valor moral do esforço e da predisposição de cada um deles.

A meritocracia aparece, então, como algo separado da exploração capitalista e da ética e moralidade intrinsecamente ligada à classe burguesa. Assume um papel fundamental na produção de mercadorias e engrena perfeitamente na explicação popular sobre a divisão de classes; agora há uma competição entre os trabalhadores bem-sucedidos e esforçados e os trabalhadores preguiçosos, sendo os primeiros que merecem os mais altos escalões corporativos e salários, e os últimos são classificados como mão de obra desqualificada que merecem o mínimo e assumem os baixos escalões e salários. (SILVA, 2022)

Há, portanto, uma determinação idealista da realidade que em consequência da aptidão física e mental dos sujeitos que constituem a classe do proletariado uma parcela reduzida e esforçada das forças produtivas passará a ser privilegiada e a outra parte não terá o mínimo de garantias. Entre os burgueses não é difícil deduzir até aqui que pelo simples fato de ocuparem um lugar de privilégio são *ipso facto* merecedores das garantias e riquezas que acumulam. O discurso passa a ganhar corpo na medida em que raros casos isolados são usados como exemplos para a manutenção da doutrina. Trabalhadores e estudantes sujeitam-se a extensas jornadas de trabalho e a exaustivos serviços e empreendimentos porque acreditam que assim poderão ser recompensados com o trabalho duro e demonstrar a sua eficiência no que tocam suas aptidões naturais.

O resultado de toda essa trama é que as diferenças e contradições em todos os níveis acabam por demonstrar que há uma impossibilidade material para que a doutrina da meritocracia seja minimamente justa. A diferença de gênero, homens e mulheres; a diferença cultural; a diferença etária, jovens e idosos; a diferença histórica, a exemplo de europeus e afro-americanos; a diferença geográfica, campo e cidade; a diferença de classe; compõem o tecido social que impossibilita uma formulação justa da competição por méritos e quão menos o governo dos privilegiados sob os fracassados. O que ocorre efetivamente na vida social é uma permanente competição entre desiguais, desde o ponto de partida.

5. PARTINDO PARA AS CONCLUSÕES

Este trabalho é apenas um vislumbre do que podemos investigar, criar e pensar a partir da obra que Guy Debord escreveu. As importantes contribuições contidas em *A sociedade do espetáculo* fomentam até os dias atuais novas ideias e práticas contra hegemônicas nos ambientes acadêmicos e no engajamento prático.

Fica implícito que se impõe a necessidade do avanço desta pesquisa a fim de galgar novas considerações a respeito da relação educação e sociedade do espetáculo que podem ser exploradas em outras searas como as relações institucionais, históricas e políticas.

Esta pesquisa visou contribuir na elaboração de uma literatura filosófica, crítica e reconstitutiva da educação escolar brasileira no século XXI. Pensamos que a releitura realizada poderá fornecer subsídios na formação de professores e educadores que estejam comprometidos na luta contra o sistema capitalista por meio da compreensão deste último por dentro e desta forma construir bases razoáveis para o redirecionamento de uma sociedade mais justa, solidária e humana.

A partir do que analisamos até aqui podemos chegar a algumas conclusões que dizem respeito das relações entre diploma, educação e ideologia a partir da filosofia de Guy Debord. Os conceitos que trouxemos a luz são, em geral, uma verificação da própria teoria crítica que Debord propõe em sua obra. O nosso trabalho foi, então, alinhar as questões que deixamos como pressupostos até a presente reflexão.

A educação escolar brasileira teve sua formação em dois princípios fundamentais que dividem a história do Brasil: a educação catequizadora marcada pelo período de escravocrata colonial e a educação tecnocrática marcada pela virada do capitalismo¹¹. O nosso recorte epistêmico nos conduz ao segundo princípio

11 Apesar do autor, Antônio Joaquim Severino, descrever que há três períodos educacionais na formação da educação brasileira, a saber, a Ideologia Católica (1500-1889), a Ideologia Liberal (1889-1964) e a Ideologia transnacional de inspiração tecnocrática (a partir de 1964) (Severino, 1986, p. 62); o que se remonta em nossa análise está assentado na leitura da separação das forças produtivas conhecidas na história do Brasil. Justifica-se, portanto, a escolha para qual se direciona nossa análise, uma vez que, parece-nos pertinente dizer que o período em questão é a fase de transição das superestruturas entre período escravocrata colonial e a

de fundamentação histórica, no qual a proeminência dos modos de produção capitalista interpela a questão do espetáculo na educação escolar e o fetichismo do diploma. (SEVERINO, 1986, p.77)

O que se segue desta divisão que se relaciona diretamente com as condições materiais dadas de cada período é que no capitalismo havia uma urgência na realização das demandas globais em relação à educação e o emprego dos valores universais da ideologia burguesa. Isto significa que, o atraso dado no período agrário do capitalismo da América Latina demandava uma força-tarefa na incorporação de uma educação que pudesse formar uma classe trabalhadora capaz de produzir em escalas gigantescas as mercadorias e ao mesmo tempo havia a preocupação da manutenção da ordem vigente, econômica e social. Os povos nativos das Américas e a diáspora africana, formada devido à feroz exploração no período escravocrata colonial, não estavam familiarizados com o avanço do capitalismo no Novo Mundo, pois, a diferença entre o trabalho escravo e o trabalho assalariado, ideologicamente, traria uma expressão do progresso advindo do continente europeu.

Foi neste contexto que o espetáculo se estabeleceu nas Américas. Os atrasos técnicos em relação aos países europeus e norte-americanos que se desenhavam no período, dadas as condições materiais do período escravagista entre os séculos XVI e XIX, as máquinas e indústrias vieram do além mar com a promessa de livrar os trabalhadores brasileiros do trabalho manual e agrário e lhes dar mais tempo para o ócio e o exercício da cidadania. A educação tornou-se uma das poucas formas de realização desta nova sociedade que tomava lugar de um passado sombrio de ignorância, exploração e morte.

A formulação de um sistema de ensino que pudesse integrar a sociedade foi necessária para que trabalhadores pudessem assumir os seus postos nas indústrias, comércios e todo contingente de trabalho que estava agregado ao espetáculo. A doutrina da meritocracia separou, portanto, aqueles que poderiam ocupar o trabalho intelectual e os que fariam parte do chão de fábrica, a casta intelectual que frequentaria as universidades públicas e as que se deteriam a educação básica.

consolidação de um capitalismo industrial.

Afigura-se que o instrumento de controle do espetáculo da educação – colocar os mais inteligentes e esforçados nos programas de televisão, rádio e jornal, e, atualmente, nas redes sociais – era a relação que consistia na conquista do diploma. O diploma nesta esfera tornou-se sinônimo ideológico de prestígio social e autoriza os indivíduos que o detêm a inculcar as ideias das classes dominantes por meio de sua autoridade meritocrática. Não a toa que a ditadura imposta pelo espetáculo é necessariamente a seleção de imagens e formas de representação que possam minar ou destruir a possibilidade da revolução da classe trabalhadora por meio da educação.

A reprodução ideológica do modelo neoliberal, agora presente nos mais diversos setores da sociedade, é implementada no Brasil nos moldes norte-americanos que em meados das décadas de 50 e 60 ganhavam força e corpo nas antigas colônias europeias e, particularmente no Brasil, no que toca a educação e seu sistema de ensino. (SEVERINO, 1986, p. 90)

A consumação do espetáculo na educação brasileira está realizada no que se desenha até aqui: a separação de um sistema de ensino das reais condições materiais que o detêm; a fragmentação da educação face ao próprio sistema de produção capitalista; por fim, a integralização da doutrina da meritocracia, da burocratização e do diploma como forma ideológica de controle.

A corrida capitalista pela produtividade e o fomento de uma educação espetaculoísta provocam ano a ano o afastamento da consciência histórica das classes trabalhadoras e a apropriação do discurso ideológico das classes dominantes. Ocorre que toda base epistemológica, ontológica e filosófica desse fenômeno repousa sobre os pressupostos apresentados pelo espetáculo. E agora, na condição de espectadores, com as pretensas culturas pedagógicas do *fazer*, estamos inclinados a assumir a parte integrante do espetáculo sem, no entanto, alterar as regras do jogo ainda estabelecidas pelos dominantes.

Como Debord propõe, o jogo está posto e as regras já foram dadas! Sob a doutrina do mérito, o educando em busca da dignidade da própria existência por meio daquilo que aparece (sucesso financeiro, ocupar os cargos dos competentes, sua própria representação dada pelo espetáculo de mercadorias) percorre vários

caminhos, dentre eles o fantasma que aparece com mais veemência: conquista do diploma.

Por fim, este trabalho revela sua crítica ao sistema educacional espetaculoísta fundado no Brasil e sua respectiva análise do fetichismo do diploma. Pensar em novas vias de desvio das ciladas da sociedade do espetáculo é nosso horizonte, pois, enquanto não mudarmos as regras do jogo (as condições materiais vigentes e o modo de produção) percorreremos um labirinto a olhos vendados, uma vez que o espetáculo não busca a nada senão a si mesmo. (SdE, §)

6. REFERÊNCIAS

6.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva. 2000
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e os aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa/São Paulo: Editorial Presença/Martins Fontes, 2022
- CHAUÍ, Marilena. **A ideologia da competência**. Belo Horizonte: Autêntica, São Paulo: Perseu Ábramo. 2014
- CHAUÍ, Marilena.. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense. 2008
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.
- DEBORD, Guy. **Comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.
- JAPPE, Anselm. **Guy Debord**. Petrópolis: Vozes. 1999
- MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **O capital – volume 1**. São Paulo: Boitempo. 2023. Ebook
- MARX, Karl. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo. 2023. Ebook
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. São Paulo: EPU. 1986
- SILVA, Ederson D. **A meritocracia como modo de vida: uma análise crítica a luz da tradição marxista**. Revista Sociologias Plurais, V.9, n.1, p. 33-62, 2023
- YOUNG, Michael. **The rise of meritocracy**. Harmondsworth, Austrália: Editora Penguin Books. 1961
- ZACARIAS, Gabriel. **Crítica do espetáculo: o pensamento radical de Guy Debord**. São Paulo, SP: Editora Elefante. 2022
- ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Intrínseca. 2021
- COCCO, Ricardo. **A respeito da sociedade do espetáculo e a tarefa da educação**. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 22, p. 1-19, 2020
- PIRES, Marília. **O materialismo histórico dialético e a educação**. Interface — Comunicação, Saúde, Educação (Revista Digital), v.1, n.1, 1997.

6.2. REFERÊNCIAS VIDEOGRÁFICAS

- A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**. Direção e Produção: Guy Debord. França, 1974. 88 min. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=q0AJ66Rb-1o&t=285s>.